revista

# JOVENS

ed 2




BemTv

# COMUNICADORES

# editorial bemtv

Há objetos que parecem pequenos, mas carregam histórias inteiras. Um patuá é assim: reúne aquilo que tem valor e, ao mesmo tempo, preserva sentidos que não se explicam apenas pelo que os olhos veem. Foi a partir dessa ideia que surgiu a segunda edição da Revista Jovens Comunicadores: olhar para o que cada jovem escolhe carregar consigo e pensar no que essas escolhas contam. É Favela Patuá!

Os jovens escolheram objetos que, de alguma forma, dizem de suas trajetórias e dos lugares onde vivem. São escolhas pessoais, mas que também ajudam a revelar dimensões coletivas da vida nos territórios. Aquilo que se aprende, se acredita, se compartilha e se transforma no dia a dia.

Reunir essas histórias nesta edição é também reconhecer que comunicar é produzir memória e disputar os sentidos sobre nossas próprias vidas. Ao longo da formação, acompanhamos os jovens transformando experiências, referências e questões de seus cotidianos e territórios em comunicação popular. Assim, eles ajudam a construir uma narrativa maior sobre juventudes que observam seus territórios, refletem sobre eles e encontram formas de contar o que muitas vezes fica de fora das histórias oficiais. É esse olhar, produzido por quem vive essas realidades, que aparece em cada página dessa edição da Revista Jovens Comunicadores.

**Veronica Silva**

BemTv

# sumário


| | |
|---|---|
| cultura e arte | 4 |
| favela patua | 5 |
| convidados | 8 |
| territorio | 9 |
| saude | 10 |
| convidados | 15 |
| burburinho | 16 |
| fala jovem comunicador | 17 |
| expediente | 18 |

# CULTURA EM ARTE

ARIELE COSTA GUIMARÃES

Um tempo atrás me contaram uma história: ela chegou ainda menina à piscina cercada de rochas. Seu nome, só sabia de ouvido. Sua mãe não sabia nadar e a piscina, cercada por rochas, não tinha escadas. Mas todos os dias, a mãe saía de lá e voltava. Uns dias mais rápido, outros mais devagar, mas a menina esperava.

A menina cresceu, passou a ser chamada de mulher. Suas pernas não eram longas e ela pouco nadava. Alguns davam as mãos; era assim que se boiava. Essas mãos, de gente que sentia o mundo, passavam na televisão também. Vira e mexe, em alguma notícia inesperada, elas eram a notícia, nunca quem as dava. Dominadores de narrativas, com falas tortas e engessadas, mostravam a beira da piscina, mas nunca a parte que faltava.

Quando chovia forte, era sinal de que, um tempo depois, a piscina ia encher, e alguns mergulhavam. A menina esperava passar, sabendo que a água traria as flores. As flores de que ela cuidava saíam das rachaduras que a notícia da TV ignorava.

Folhas de jornais, novelas de rádio, câmeras com filmes e umas fotos na gaveta. Filhos e mães equilibristas: já é tarde, corram e tranquem suas maçanetas.

Uns anos atrás conheci a menina. Na verdade, a conheço a vida toda. Tem um pouco dela em cada um que não sabe nadar, mas foge dos tubarões, apesar de tubarões não existirem em piscinas, só em filmes de terror. Essa história já tem anos. A mãe dela já não retorna mais, e ela cultiva canteiros com flores que ainda não aparecem nos jornais.



Eu abro a janela e enquadro o que quero:

a beira ignorada
e as flores no concreto.

Ouço, sim, o medo
e a ausência do barulho.
Horas na beira da pista,
embalados a vácuo
sobre quatro rodas.

Temos ossos.
Não somos produto.

Às vezes demoro,
às vezes me enrolo,
mas no filme da minha vida
eu narro e discuto.

Passo pelo canteiro
e vejo em seus olhos
exatamente o que procuro.

A piscina cercada por rochas não era de nadar. Era seu lar, sua rua, seu território, seu escudo. Seus olhos eram lentes, lentes que entendiam tudo. Ela é protagonista, antagonista, coadjuvante e, de quebra, vive quebrando muros. Eu filmo o que enxergo, ela segue enxergando o mundo.

Hoje, estamos no futuro. O artificial nos deixa em apuros, mas, vez ou outra, eu lembro dessa história. Pego minhas lentes, volto à origem da essência.

A piscina agora tem borda infinita: que não ousem mostrar apenas a superfície. Que ela ocupe as salas de cinema, o jornal do meio-dia, da meia-noite e sua sequência. Porque essa 7a arte, quando sai daqui, das mãos de quem vive, pode nos elevar à 7a potência.

# FAVELA PATUÁ

ed 2



TEM FITA VERMELHA E BRANCA
ALMA NA PONTA DA LANÇA
ENSINA NOSSAS CRIANÇAS:
DESTINO É LUTAR
MEMÓRIAS O VENTO
NÃO PODE LEVAR
ESCRITAS À LUZ DO LUAR
PORTO DA PEDRA, 2022

UM PATUÁ É UM OBJETO DE PROTEÇÃO, GERALMENTE PEQUENO, QUE CARREGA ELEMENTOS ASSOCIADOS À FÉ E À ANCESTRALIDADE. NAS TRADIÇÕES DE MATRIZ AFRICANA, PODE REUNIR DIFERENTES ELEMENTOS E SENTIDOS, FAZENDO DO OBJETO TAMBÉM UMA FORMA DE PRESERVAR SABERES QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES.

MAS O QUE CARREGAMOS CONOSCO TAMBÉM PODE DIZER MUITO SOBRE QUEM SOMOS E SOBRE OS TERRITÓRIOS QUE CONSTRUÍMOS. NESTA EDIÇÃO DA REVISTA JOVENS COMUNICADORES, OS JOVENS FORAM CONVIDADOS A ESCOLHER UM OBJETO QUE TIVESSE UM SIGNIFICADO IMPORTANTE EM SUAS VIDAS. O RESULTADO É UMA COLEÇÃO DE REFERÊNCIAS QUE PASSA POR AFETOS, CRENÇAS, RELAÇÕES E EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E REVELA DIFERENTES FORMAS DE VIVER E PRODUZIR SENTIDO NOS TERRITÓRIOS.



SE UM PATUÁ GUARDA E PROTEGE AQUILO QUE TEM VALOR, OS OBJETOS ESCOLHIDOS PELOS JOVENS TAMBÉM CARREGAM MARCAS DE SUAS HISTÓRIAS E DOS LUGARES ONDE VIVEM. COLOCADOS LADO A LADO, ELES FORMAM UMA ESPÉCIE DE ARQUIVO COLETIVO: UMA COMUNICAÇÃO FEITA POR QUEM VIVE NESSES TERRITÓRIOS E CONHECE SUAS HISTÓRIAS POR DENTRO. ATRAVÉS DOS PATUÁS, VEMOS QUE A FAVELA NÃO É APENAS UM LUGAR SOBRE O QUAL SE FALA, MAS TAMBÉM UM ESPAÇO ONDE SE PRODUZEM SABERES E NARRATIVAS SOBRE A PRÓPRIA VIDA.



LUANA, GLOSS



GEOVANA, GUIA



ARTHUR LOHAN, CANETA



JÚLIA APRESENTOU UMA ARRUDA



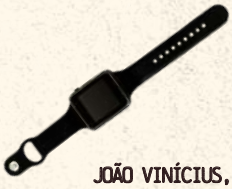
ISABELLE, ANEL DE DEBUTANTE

DAVI NORONHA, BORDADO FEITO POR ELE






GIOVANA PIRES MOSTROU SUAS SAPATILHAS DE PONTA



JOÃO VINÍCIUS, UM RELÓGIO

CALIXTO, ISQUEIRO



MIGUEL SANTIAGO TROUXE UMA ESTÁTUA DO DEUS WOK




TAINÁ ESPADA DE SÃO JORGE





ANNE BEATRIZ,
CANECA DO VASCO



BEATRIZ,
COLAR



MICAELA,
HOMEM-ARANHA



MICHEL CRISTIANO,
VELA AMARELA



YASMIN
CARTAS DE BARALHO CIGANO



BEATRIZ COSTA
BARALHO DE TARÔ




JONATHAN
CAIXA DE SOM



ASTER DUARTE TROUXE
SEU BARALHO DE TARÔ




CLARISSA,
PÓ DESCOLORANTE



ANA PAULA E GEOVAN,
PENTE DE CABELO



PRANCHETA



YURI,
PULSEIRA




SUZANA,
CAIXA DE SOM



MATHEUS,
CORDÃO



ISABELA SOUZA, PEDRO,
RENAN OLIVEIRA, LUCIANA
SALGADA E SANTINA
COM FONES DE OUVIDO




RAYANE VIEIRA,
CASACO DO STAR WARS



ARIELLE, SUA
PRIMEIRA CÂMERA
FOTOGRÁFICA




LETÍCIA E KARINA
JUMBO BRAID



LUCAS SENNA
APRESENTOU SEU TRIPÉ

SHAIENE
PELÚCIA

BRUNO,
BRAJÁ DE
CHUMIRIM

HUGO
CAMISA
REAL ST

DANIELA ARAÚJO

COORDENADORA EXECUTIVA DA BEMTV

# COMUNICAÇÃO PATUÁ

ed 2

## COMO A JUVENTUDE PERIFÉRICA HACKEIA O ALGORITMO PARA SALVAR VIDAS.

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR QUE O CELULAR NA SUA MÃO PODE SER MUITO MAIS DO QUE UMA TELA DE ROLAGEM INFINITA? ENQUANTO O RACISMO ALGORÍTMICO REDUZ NOSSOS CORPOS A MEROS DADOS DE CONSUMO E A INFODEMIA DEVASTA NOSSAS FAVELAS, A JUVENTUDE PERIFÉRICA NÃO ESPERA PERMISSÃO PARA AGIR: ELA CONSTRÓI SUA PRÓPRIA CIÊNCIA DE SOBREVIVÊNCIA.

FOI PESQUISANDO A ROTINA DE JOVENS COMUNICADORES DAS PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO, SÃO GONÇALO E NITERÓI QUE FORMULEI, NA MINHA TESE DE DOUTORADO NA ECO/UFRJ, O CONCEITO DE COMUNICAÇÃO PATUÁ.

ANCESTRALMENTE, O PATUÁ É AQUELE AMULETO DE PANO COSTURADO PARA GUARDAR UMA PRECE E PROTEGER O CORPO NOS CAMINHOS HOSTIS. NA COMUNICAÇÃO, O PATUÁ É UM CONCEITO-INVÓLUCRO E UMA TECNOLOGIA SOCIAL DE AMPARO. A COMUNICAÇÃO PATUÁ ACONTECE QUANDO A GENTE JUNTA A TÉCNICA AUDIOVISUAL, O AFETO COLETIVO E A PROTEÇÃO POLÍTICA PARA COMBATER A DESINFORMAÇÃO E A VIOLÊNCIA SISTEMÁTICA.

É O QUE CHAMAMOS DE TEXTUAÇÕES: O ATO DE TRANÇAR A "AGULHA DIGITAL" DO SMARTPHONE ÀS LINHAS DA ANCESTRALIDADE E DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA. QUANDO O JOVEM COMUNICADOR FAZ ISSO, O CELULAR DEIXA DE SER UMA FERRAMENTA DE ALIENAÇÃO E PASSA A SER UM ESCUDO DE VIGILÂNCIA POPULAR. SE O MERCADO USA AS REDES PARA LUCRAR COM A DISCÓRDIA, A JUVENTUDE USA A TECNOLOGIA PARA TECER A O COMUM, AQUILO QUE É PRÓPRIO DA COMUNIDADE E QUE FAZ DELA ESSE ESPAÇO DE PARTILHA PARA QUEM VIVE NELA. NA PRÁTICA DE COLETIVOS COMO A REDE DE JOVENS COMUNICADORES DA BEMTV, CHECAR NOTÍCIAS EM TEMPO REAL, COMBATER MENTIRAS SOBRE SAÚDE E ARTICULAR REDES DE SOLIDARIEDADE É RIGOR, MÉTODO E PRODUÇÃO DE PRESENÇA. A COMUNICAÇÃO DEIXA DE SER BUSCA POR FAMA INDIVIDUAL E PASSA A SER DEFESA RADICAL DA VIDA.



## 4 PASSOS PARA ATIVAR A PROTEÇÃO COLETIVA NO SEU TERRITÓRIO

- ESCUTE SUA VIZINHANÇA: A INFORMAÇÃO QUE SALVA VIDAS NÃO VEM DE CIMA PARA BAIXO. ANTES DE POSTAR, ESCUTE A COMUNIDADE. O DIÁLOGO COM OS MORADORES É A MATÉRIA-PRIMA DO JORNALISMO TERRITORIAL.
- "HACKEIE" O SISTEMA SEMPRE QUE POSSÍVEL: SUBVERTA OS APLICATIVOS CORPORATIVOS COMO O WHATSAPP. USE O SMARTPHONE PARA CHECAR FATOS EM TEMPO REAL, RESGATAR A MEMÓRIA LOCAL E CRIAR CONTEÚDOS COM A IDENTIDADE VISUAL E O PAPO RETO DA SUA QUEBRADA.
- COLOQUE A BOCA NO MUNDO: TRANSFORME SUAS REDES EM CANAIS DE VIGILÂNCIA POPULAR EM SAÚDE E DIREITOS HUMANOS. MAPEIE EMERGÊNCIAS, DENUNCIE ABUSOS E CRIE BARREIRAS CONTRA A DESINFORMAÇÃO.
- TUDO QUE NÓS TEM É NÓS: ESQUEÇA A MÍSTICA DO ENGAJAMENTO VAZIO. O VALOR DA SUA COMUNICAÇÃO NÃO ESTÁ NA MÉTRICA DO ALGORITMO, MAS NA CAPACIDADE REAL DE ACOLHER, ORGANIZAR E PROTEGER A SUA GENTE.

A sabedoria popular já deu o recado: quem não pode com mandinga, não carrega o patuá. A nossa comunicação é ciência viva e o futuro da tecnologia se constrói na força da rede que protege e salva vidas. Bora tecer esse futuro juntos!

# território

Em uma rua que conduz à escola, a arte no muro transforma o caminho em um espaço de inspiração, coragem e representatividade para as crianças da comunidade.




ANA PAULA GONÇALVES



LEONARDO CARVALHO

Cotidiano na Malvina, bairro de Macaé



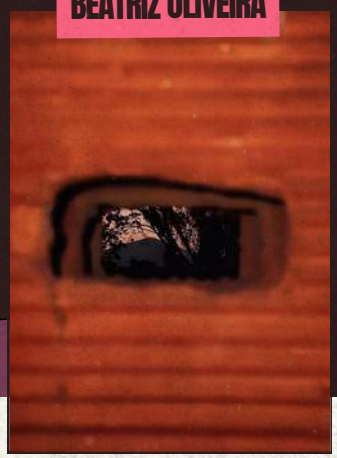
ARIELE COSTA

Gosto de fotografar aquilo que se apresenta de forma espontânea. Era um dia chuvoso e ele se movimentava debaixo da chuva como se gostasse do momento. Da minha janela vi uma vida existindo sobre o concreto e o ferro.

Lixo no rio



DAVI NORONHA



BEATRIZ OLIVEIRA

Aquela fotografia eu fiz em um buraco na laje da minha casa, como dá pra ver na foto tem uma paisagem do outro lado de uma árvore enorme e um morro atrás, acho essa paisagem uma das mais bonitas do meu bairro e usei o meu celular pra fotografar

pela lente deles/

*o que é que um texto jornalístico tem?*

# UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS BETS A PARTIR DO OLHAR DAS JUVENTUDES



*O que pode acontecer quando jovens usam as ferramentas do texto jornalístico para pensaruma questão do cotidiano dos seus territórios? Na formação dos Jovens Comunicadores, a técnica é parte fundamental do fazer da comunicação popular: fotografia, audiovisual, artes gráficas, edição e, naturalmente, produção textual. São ferramentas colocadas à disposição dos jovens para elaborar perguntas e produzir novas narrativas sobre o mundo.*

*As últimas turmas são repletas de escritores: poetas, cronistas, contistas, roteiristas. Imaginem essas diferentes formas de escrita a serviço do jornalismo. Com esta turma, o debate girou em torno das bets e de seus impactos. A proposta foi experimentar as ferramentas jornalísticas para investigar uma questão presente no cotidiano e transformá-la em pauta e informação.*

*Os textos que você lê a seguir são resultado desse exercício. Quando o conhecimento jornalístico está nas mãos de quem vive e observa os territórios, ele pode servir para colocar outras ideias em circulação.*
*uma questão do cotidiano dos seus territórios? Na formação dos Jovens Comunicadores, a técnica é parte fundamental do fazer da comunicação popular: fotografia, audiovisual, artes gráficas, edição e, naturalmente, produção textual. São ferramentas colocadas à disposição dos jovens para elaborar perguntas e produzir novas narrativas sobre o mundo.*

*As últimas turmas são repletas de escritores: poetas, cronistas, contistas, roteiristas. Imaginem essas diferentes formas de escrita a serviço do jornalismo. Com esta turma, o debate girou em torno das bets e de seus impactos. A proposta foi experimentar as ferramentas jornalísticas para investigar uma questão presente no cotidiano e transformá-la em pauta e informação.*

***Os textos que você lê a seguir são resultado desse exercício. Quando o conhecimento jornalístico está nas mãos de quem vive e observa os territórios, ele pode servir para colocar outras ideias em circulação.***



JONATHAN COSTA

## *ENGRENAGENS DO VÍCIO*

*A máquina de moer gente: como as bets viraram a epidemia silenciosa que devora o cérebro e o bolso dos brasileiros*

*A disparada no volume de remessas via PIX para plataformas digitais, que saltou para a casa das dezenas de bilhões de reais em poucos anos, reflete uma epidemia de saúde pública fora de controle. Em 2025, o mercado regulado de bets já registrou uma receita bruta de R$ 37 bilhões no Brasil, segundo dados oficiais da Secretária de Prêmios e Apostas (SPA).*

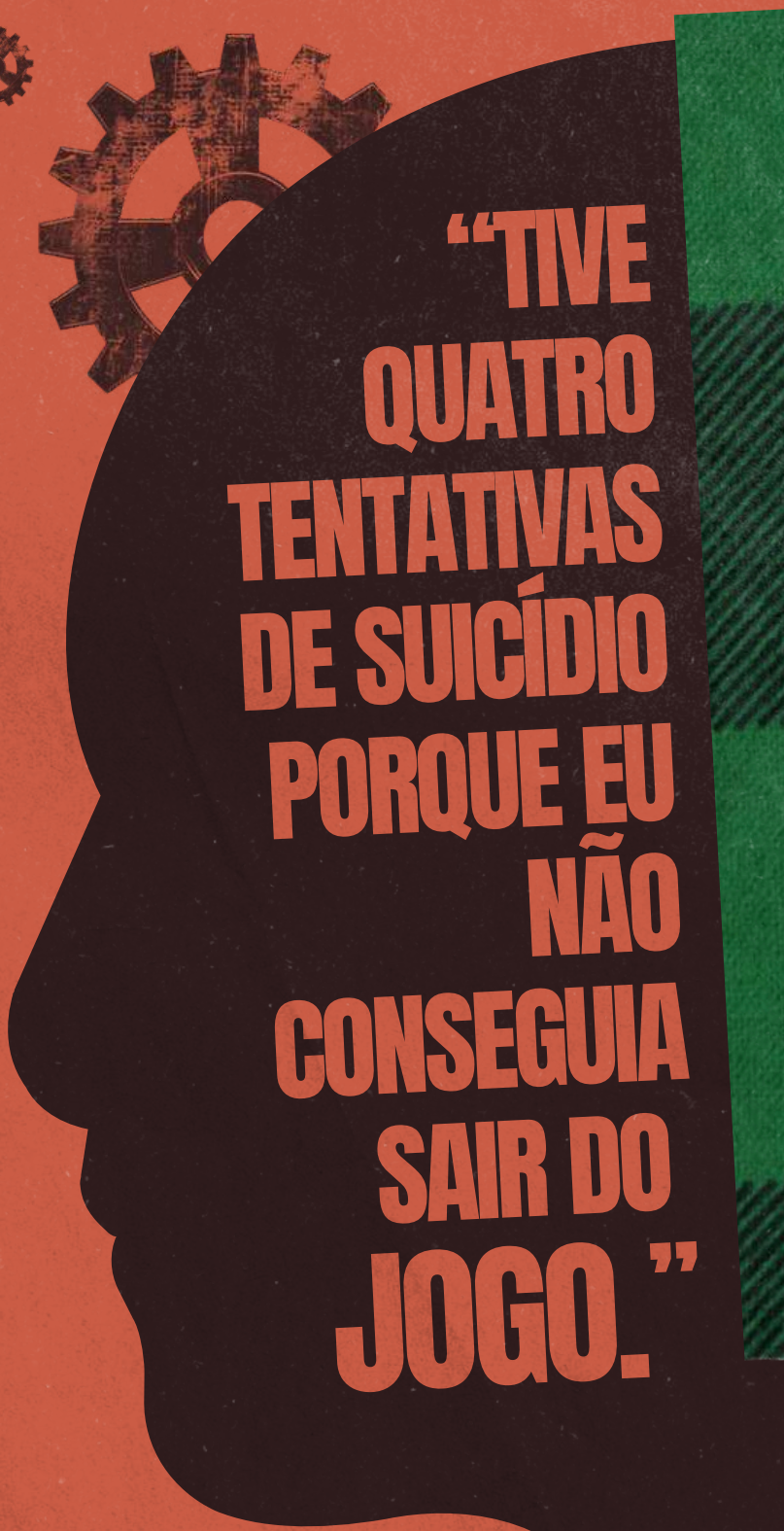
*Dados do Ministério da Saúde mostram aumento preocupante nos atendimentos da rede pública e do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) por transtornos de jogo compulsivo, depressão e ansiedade ligados aos jogos de azar. A crise tem início em 2018, quando Michel Temer, ex-presidente do Brasil, autorizou a operação das bets no país. Com 300 casos anuais em 2020, os casos chegaram a 5,3 mil em 2024, aumento de 17 vezes.*

*O capital financeiro transformou o circuito de recompensa do cérebro em campo de exploração. O objetivo da máquina não é fazer o sujeito ganhar ou perder; é mantê-lo em transe dopaminérgico operando a alavanca até extrair a última gota de valor da sua existência.*

*"Tive quatro tentativas de suicídio porque eu não conseguia sair do jogo. Eu dormia e acordava pensando em jogar. O mais doloroso para mim era saber que eu trabalhava o mês inteiro para no final do dia ver meu saldo zerado e minhas contas não pagas", conta L.M, de 31 anos, que conheceu as bets entre 2020 e 2021.*

*A dopamina não é a química da vitória:*
*O cérebro libera essa substância no ápice da dúvida, antes do resultado. O que captura a mente é a incerteza do próximo clique. Assim, a aposta passa a se sustentar por si só: a pessoa não joga para enriquecer, mas para manter essa química da antecipação ligada. Nesses casos, pouco importando o resultado final.*

FONTES: MINISTERIO DA SAUDE/SUS, BANCO CENTRAL DO BRASIL, LEI Nº 13.756/2018, THE LANCET PUBLIC HEALTH, N. D. SCHULL (ADDICTION BY DESIGN) E L. CLARK (UBC).



ARIELE COSTA



# QUANTO MAIS VULNERABILIZADA FOR A POPULAÇÃO, MAIORES SÃO OS RISCOS

## VÍCIO EM APOSTAS ONLINE SE TORNA O NOVO DESAFIO PARA A SAÚDE MENTAL, PRINCIPALMENTE DOS JOVENS, NO RIO DE JANEIRO



COM AUMENTO DE 140% NOS ATENDIMENTOS DO SUS NO PAÍS E RISCO DE SUICÍDIO MAIOR, ESPECIALISTAS ALERTAM QUE AS "BETS" ADOECEM ADOLESCENTES E DESTROEM A ECONOMIA FAMILIAR.

*A facilidade de acesso às plataformas de apostas online, as chamadas "bets", deixou de ser apenas entretenimento para se tornar uma crise de saúde pública e financeira. A problemática tem dimensão nacional: no Brasil, 11% das crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos realizaram apostas em 2025, atraídos pela promessa de dinheiro rápido. Esse cenário atinge em cheio a juventude fluminense, onde o que começa no celular tem terminado nos postos de saúde e no superendividamento familiar.*

*O impacto na saúde mental é alarmante. De acordo com o Ministério da Saúde, em dados apresentados à Agência Senado, o vício em apostas gera uma dependência semelhante à química. Entre 2018 e 2025, o número de atendimentos no Sistema Único de Saúde (SUS) a pessoas com transtorno do jogo cresceu 140% em todo o país. O sofrimento psíquico ocasionado pelas dívidas é tão grave que o risco de suicídio entre os apostadores compulsivos chega a ser 15 vezes maior.*

*A crise não escolhe classe social, não se restringe apenas aos jovens e impacta diretamente a economia local. No Estado do Rio de Janeiro, uma pesquisa do Núcleo de Defesa do Consumidor (Nudecon) revelou que quase 1 em cada 10 fluminenses entrevistados (9%) admitiu já ter deixado de pagar contas básicas de consumo para continuar apostando, na falsa esperança de recuperar o dinheiro perdido.*

*"Nós nos espelhamos nas políticas do tabaco e do álcool para olhar para essa questão das apostas. Temos um impacto direto no atendimento do SUS, e quanto mais vulnerabilizada for a população, maiores são os riscos", explicou Gabriella de Andrade Boska, do Ministério da Saúde. O Conselho Regional de Psicologia do RJ ressalta que a Organização Mundial da Saúde (OMS) já classifica a ludopatia — que é o vício incontrolável em jogos de azar e apostas — como um transtorno mental.*

*Para tentar frear esse cenário e proteger os mais jovens, o poder público local começou a agir. Na capital fluminense, a Prefeitura do Rio publicou um decreto que proíbe qualquer publicidade de apostas esportivas em mídias externas, mobiliários urbanos e eventos patrocinados pelo município. A medida busca reduzir a exposição agressiva das marcas e evitar que o adoecimento atinja ainda mais adolescentes e famílias.*

## APHRODITO XAVIER

### BETS E A FALSA PROMESSA DE SUCESSO RÁPIDO

*Elas chegaram como um simples joguinho inocente, mas hoje as BETS se tornaram um grave problema na sociedade, criando uma falsa promessa de sucesso rápido para jovens e trabalhadores que sonham com uma vida melhor.*

*Apesar de terem sido legalizadas no Brasil em 2018, o seu grande impacto aconteceu entre 2023 e 2026, gerando uma crise social fora de controle. O uso excessivo dessas plataformas causa impactos não apenas financeiros, mas também psicológicos naqueles que buscam as apostas como forma de melhorar sua condição de vida ou conseguir uma renda extra. Esse cenário é agravado pela publicidade agressiva de influenciadores digitais, que muitas vezes usam a vulnerabilidade e a carência da população para vender a ilusão de uma mudança de vida imediata.*

*Para combater esse problema, é preciso cobrar ações do governo voltadas à regulamentação e fiscalização dessas plataformas, além de implementar a educação financeira desde cedo nas escolas.*

*Se você é ou conhece alguém que enfrenta o vício em BETS, seja a rede de apoio desta pessoa. Procure ajuda psicológica e psiquiátrica nos postos de saúde locais e nos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial).*

TER RESPONSABILIDADE É NÃO JOGAR!

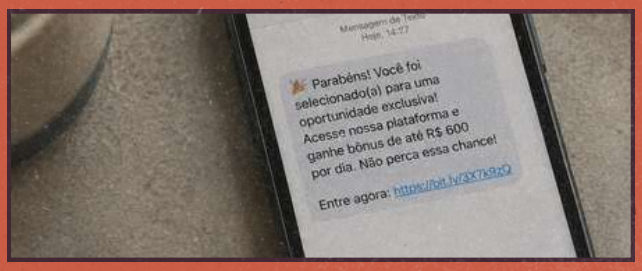
## CLARISSA DUTRA

### MENSAGENS DE APOSTAS POR SMS LEVANTAM ALERTA SOBRE OS RISCOS DAS BETS

*Moradora da Lagoinha, em São Gonçalo, relata receber mensagens promocionais de plataformas de apostas e chama a atenção para os impactos desse tipo de publicidade.*
*As plataformas de apostas online, conhecidas como bets, têm aumentado sua presença no dia a dia dos brasileiros por meio de propagandas em redes sociais, transmissões esportivas e mensagens enviadas diretamente para os celulares.*

*Em São Gonçalo, uma moradora da Lagoinha relatou receber com frequência mensagens promocionais oferecendo apostas grátis, giros premiados e promessas de ganhos em dinheiro.*
*"Comecei a receber várias mensagens oferecendo apostas grátis, giros premiados e promessas de dinheiro. Achei curioso como elas chegam com frequência ao celular. Isso me fez pensar em quantas outras pessoas também podem estar recebendo esse tipo de mensagem.", relatou a moradora.*

*As mensagens utilizam ofertas atrativas para incentivar o cadastro e a participação dos usuários nas plataformas de apostas. Embora apresentem avisos como "Jogue com responsabilidade" e restrição para maiores de 18 anos, o destaque principal costuma ser a promessa de bônus e possíveis ganhos financeiros.*




MENSAGEM PROMOCIONAL OFERECE ATÉ R$ 600 POR DIA E UTILIZA BÔNUS PARA INCENTIVAR O USUÁRIO A ACESSAR A PLATAFORMA.
FOTO: ACERVO PESSOAL DA AUTORA.

*O crescimento das plataformas de apostas tem gerado preocupação entre especialistas devido aos impactos financeiros e emocionais causados pelo uso excessivo desses serviços. Muitas pessoas acabam gastando dinheiro que seria destinado às despesas da família na tentativa de recuperar perdas ou conseguir ganhos rápidos, o que pode levar ao endividamento.*
*Além dos prejuízos financeiros, especialistas alertam que o vício em jogos de apostas pode causar ansiedade, estresse, depressão e dependência. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o transtorno do jogo é reconhecido como uma condição que pode comprometer a saúde mental e a qualidade de vida das pessoas.*

*Outro fator que contribui para o crescimento das apostas é a intensa divulgação nas redes sociais e por influenciadores digitais. Em muitos casos, os anúncios destacam apenas as possibilidades de ganho, sem dar o mesmo destaque aos riscos envolvidos, criando a falsa impressão de que apostar é uma forma fácil de conseguir dinheiro.*

*Diante desse cenário, o Governo Federal passou a exigir novas regras para a publicidade das plataformas de apostas. Conforme divulgado pelo G1, os anúncios agora devem apresentar alertas mais visíveis sobre os riscos do jogo, informar que as apostas são destinadas apenas para maiores de 18 anos e reforçar que apostar não é uma forma de investimento. A medida busca reduzir os impactos do jogo e conscientizar a população.*
*A informação e a conscientização são importantes para prevenir prejuízos financeiros e emocionais. Caso uma pessoa perceba que está perdendo o controle sobre as apostas, é recomendado procurar apoio de familiares e de profissionais de saúde. Conversar sobre educação financeira e compreender os riscos das apostas pode ajudar a evitar situações de endividamento e dependência.*

G1. "ALERTA EM PUBLICIDADE DE BETS COMEÇA A VALER NESTA SEXTA; ENTENDA COMO VAI FUNCIONAR." PUBLICADO EM 17 DE JULHO DE 2026

# DIGA NÃO AS BETS!



## ÁSTER DUARTE

***A PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO PUBLICOU, NESTA SEGUNDA-FEIRA (13), UM DECRETO QUE PROÍBE A DIVULGAÇÃO DE PLATAFORMAS DE APOSTAS ESPORTIVAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE.***

*O uso excessivo de plataformas de apostas esportivas, conhecidas como bets, tem preocupado autoridades e especialistas. Muitas pessoas acabam perdendo muito dinheiro, ficando endividadas e até desenvolvendo problemas de ansiedade e estresse. Além disso, a divulgação das apostas por influenciadores nas redes sociais pode fazer com que jovens acreditem que apostar é uma forma fácil de ganhar dinheiro, sem conhecer os riscos.*

*Para ajudar a combater esse problema, a Prefeitura do Rio de Janeiro proibiu anúncios de casas de apostas em espaços públicos da cidade. A medida busca diminuir a influência da publicidade, principalmente sobre crianças e adolescentes.*

## PEDRO HENRIQUE PEREIRA DA SILVEIRA

***A INFLUÊNCIA NEGATIVA DOS INFLUENCIADORES DIGITAIS.***

*As redes sociais têm grande influência na forma como as pessoas recebem informações e aprendem sobre diferentes assuntos. No caso das plataformas de apostas, os influenciadores digitais podem contribuir para aumentar o interesse dos seguidores pelas bets.*

*Muitas vezes, as publicações apresentam as apostas como uma forma fácil de ganhar dinheiro, sem destacar os riscos de perdas financeiras e dependência. Como os seguidores costumam confiar nos influenciadores, esse tipo de conteúdo pode influenciar negativamente, principalmente os jovens.*

*Muitas pessoas que passam por dificuldades financeiras, veem a facilidade de ganhar dinheiro com as bets, pelo o que os influenciadores demonstram em seus perfis.*

*Por outro lado, as redes sociais também podem ser usadas para conscientizar a população. Influenciadores, professores e instituições podem produzir conteúdos sobre educação financeira, alertando sobre os riscos das apostas e ensinando as pessoas a identificar propagandas enganosas.*

*Por isso, é importante desenvolver senso crítico ao consumir conteúdos nas redes sociais. A influência dos criadores de conteúdo pode ser usada não apenas para divulgar as bets, mas também para informar e educar a população sobre as consequências disso.*



# A ÉTICA QUE PRODUZ AUTONOMIA

## um relato de experiência no projeto jovens comunicadores



POR
BÁRBARA ROCHA

ESTUDANTE DE PSICOLOGIA, JOVEM COMUNICADORA E MONITORA DA TURMA DE MACAÉ. ESTE TEXTO FOI ESCRITO PARA A DISCIPLINA ÉTICA NA PROFISSÃO E NA PESQUISA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, DE RIO DAS OSTRAS.



*"A desinformação vai além de notícias falsas: ela mexe com a consciência política da população, com a saúde e enfraquece os laços sociais. Diante disso, este texto tem como objetivo relatar uma experiência e analisar uma prática ética dentro do projeto social Jovens Comunicadores, da Bem TV, que utiliza ferramentas audiovisuais para combater a desinformação e debater principalmente sobre questões de desigualdade racial e de gênero. Entendo a proposta do curso para denúncias do cotidiano via palestras, vídeos e oficinas. Em contraponto, percebemos que o maior desafio não era a produção dessas atividades na turma de Macaé, mas sim, uma questão social que afastava os jovens de uma comunicação coletiva sobre as dificuldades que enfrentavam. Por isso, o monitor dessa turma me convida a propor estratégias para melhorar a interação e a continuidade do curso.*

*Cabe ressaltar que a construção deste trabalho é atravessada por uma mudança na minha própria posição como aluna que se desenvolve para monitora da turma de Macaé atualmente, o que me faz refletir a seguinte questão: Qual é a sua ética que te deixa autônomo? Para responder a esse questionamento, irei articular textos da disciplina e uma outra referência a fora sobre Desinstitucionalização (Rotelli, 1990) focada em vínculos e redes. O objetivo é compreender como a apropriação audiovisual pode funcionar como um dispositivo de emancipação e fortalecimento da potência dos sujeitos.*

*Para entender o que a desinformação faz com a sociedade, Fuganti (2016) difere duas ideias fundamentais: a moral e a ética. A falta de informação funciona como uma engrenagem moral, uma vez que, impossibilita as pessoas pensarem por si mesmas, criando uma ilusão entre o bem e o mal, o que é certo ou correto. Para fazer isso, as narrativas se alimentam de sentimentos enfraquecedores, que Espinosa (2008) chama de paixões tristes, como o medo, a raiva e a desconfiança. Quando alguém consome e reproduz verdades prontas, o indivíduo entra em um estado de servidão voluntária, pois perde a capacidade de pensar criticamente e passa a ser governado por ideias fixas.*

# “A AUTONOMIA NASCE DESSA ÉTICA DA POTÊNCIA, ACONTECE QUANDO O JOVEM PERCEBE QUE É CAPAZ DE CONDUZIR SUAS PRÓPRIAS NARRATIVAS”



*Azevedo (2018) aborda para uma ética da alegria e do encontro, pensando em uma prática que não julgue a partir de regras já impostas, mas para avaliar como expandir a força de agir no mundo, a vida se faz na alteridade e na qualidade dos encontros. Nesse sentido, o projeto social ensina os participantes a criarem seus próprios conteúdos audiovisuais, promovendo um bom encontro, invés de ficarem passivos nas verdades absolutas que os isolam. A autonomia nasce dessa ética da potência, acontece quando o jovem percebe que é capaz de conduzir suas próprias narrativas e criar conexões reais que geram reflexão e união da comunidade (Azevedo, 2018).*

## A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA POR MEIO DOS VÍNCULOS EM REDE

*Já a perda de autonomia provocada pelos ciclos de desinformação pode ser pensada analogamente aos processos de institucionalização criticados por (Rotelli, 1990) quando se trata da Reforma Psiquiátrica e da Desinstitucionalização. Rotelli enfatiza que a produção de saúde e de autonomia está relacionada à criação de redes e à construção de vínculos afetivos e comunitários. O isolamento provocado por tais narrativas ditas anteriormente, funciona como um lugar de zero trocas, rompendo a solidariedade social.*

*A inserção do audiovisual no Jovens Comunicadores atua diretamente como um operador de desinstitucionalização dessas lógicas, quando por exemplo, uma das atividades centrais é fazer uma lista de transmissão compartilhando suas percepções, falando sobre*

*políticas públicas e denunciando problemas sociais, a qual fortalece vínculos interpessoais no território em que a pessoa está inserida. Essa atuação devolve aos sujeitos o que (Rotelli, 1990) vai conceituar como Poder Contratual, ao dominarem essas ferramentas de expressão, os discursos hegemônicos se enfraquecem e passam a ser ativos de uma rede e produção de valor social. Ou seja, a autonomia não é algo que se constrói individualmente, mas sim, no coletivo, criando vínculos no encontro, apoio e trocas de verdades.*

## IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA

*Ao refletir sobre Análise de Implicações abordadas por Coimbra e Nascimento (2008) para desmistificar a neutralidade científica, percebo que não ter uma postura neutra foi essencial para a um olhar atento às demandas que a turma de Macaé necessitava, conforme já apontado, as maiores dificuldades não eram realizar as produções em si, mas havia questões concretas que atravessavam o processo, como o isolamento gerado pela insegurança do contato com uma temática nova, as dificuldades financeiras que impediam acessar as aulas e consequentemente não surgia uma troca com os outros integrantes e a acessibilidade para uma aluna com deficiência que não comparecia às aulas pois não tinha cadeira de rodas.*

# SER AUTÔNOMO ENTÃO É SE APROPRIAR DOS MEIOS DE EXPRESSÃO PARA CRIAR BONS ENCONTROS, PAIXÕES ALEGRES, DESESTABILIZAR OS PODERES INSTITUÍDOS NAS BRECHAS, E INVENTAR COLETIVAMENTE, NOVAS FORMAS DE FAZER E VIVER.



*A análise de intervenção exige questionar a quem serve nossa técnica, quais relações saber poder e hierarquia estamos reproduzindo e de que forma nossa posição institucional atravessa o campo. Por fim, esse manejo foi repensado, demandando uma nova forma de acesso, possibilitando novos espaços seguros de escuta, de acesso aos meios de produção, trabalhando no coletivo e nas questões pontuais individualizadas. Reconhecer-se implicada significou compreender que a autonomia é construída com o outro e não para o outro, também afetado pelas redes e pelos movimentos no território, transformando a intervenção em uma desnaturalização das verdades instituídas.*

*O projeto social Jovens Comunicadores focado em ferramentas comunicacionais demonstra que o combate à desinformação se faz produzindo a vida, cultura e pactuação social. Ao transformar o fazer estético em um disparador de vínculos e redes de solidariedade, a intervenção resgata a dimensão ética do cuidado e ação coletiva. Ser autônomo então é se apropriar dos meios de expressão para criar bons encontros, paixões alegres, desestabilizar os poderes instituídos nas brechas, e inventar coletivamente, novas formas de fazer e viver."*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, LÍVIA. ÉTICA DA ALEGRIA E DO ENCONTRO: DIÁLOGOS ENTRE DELEUZE E ESPINOSA. O MANGUEZAL: REVISTA DE FILOSOFIA, V. 1, N. 2, P. 50-62, 2018.

COIMBRA, CECÍLIA MARIA BOUÇAS; NASCIMENTO, MARIA LÍVIA DO. ANÁLISE DE IMPLICAÇÕES: DESAFIANDO NOSSAS PRÁTICAS DE SABER/PODER. IN: GEISLER, ADRIANA RIBEIRO ET AL. (ORG.). SUBJETIVIDADES, VIOLÊNCIA E DIREITOS HUMANOS: PRODUZINDO NOVOS DISPOSITIVOS EM SAÚDE. NITERÓI: EDUFF, 2008.

FUGANTI, LUIZ. ÉTICA COMO POTÊNCIA E MORAL COMO SERVIDÃO. DISPONÍVEL EM: LUIZ FUGANTI. ACESSO EM: 21 JUN. 2026.

ROTELLI, FRANCO ET AL. DESINSTITUCIONALIZAÇÃO: UMA OUTRA VIA. SÃO PAULO: HUCITEC, 1990.

*de olho nas redes!*



@barbaraemanalise



LUANNA MENDES BARRETO

PEDAGOGA E COORDENADORA PEDAGÓGICA DO PROJETO OLHO VIVO

# DESDE PEQUENININHA

## A violência do racismo na construção da subjetividade desde a primeira infância






NOSSO CAMPO DE PESQUISA TEM SIDO DESAFIADO A PENSAR MENOS NO SINGULAR E MAIS NO PLURAL. A HISTÓRIA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO TEM COMO MARCA ORIENTAÇÕES EUROCENTRADAS. RECONHECER QUE ESSAS NARRATIVAS FORAM LEGITIMADAS COMO ÚNICAS NOS CONVOCA A ASSUMIR URGÊNCIAS DESCOLONIZADORAS, SOBRETUDO QUANDO PENSAMOS NAS CRIANÇAS NEGRAS.

QUAIS INFÂNCIAS SÃO ACEITAS E QUAIS SÃO MARGINALIZADAS, ENGROSSANDO OS GRUPOS DE EXCLUÍDOS NECESSÁRIOS E DESNECESSÁRIOS, NO SENTIDO APRESENTADO POR NASCIMENTO (2000, PP. 61-62)? ESSA PERGUNTA NOS LEVA A PENSAR TAMBÉM NO LUGAR ATRIBUÍDO À CRIANÇA: DIFERENTE DA IDEIA EUROCÊNTRICA E OCIDENTAL DE INFÂNCIA, ELA NÃO DEVE SER VISTA COMO UM "VIR A SER", UMA VEZ QUE ELA JÁ É.

É NA NEGAÇÃO DESSA INFÂNCIA "MAIS PODEROSA QUE A MORTE" (NOGUERA, 2019), NA INVISIBILIZAÇÃO DOS SUJEITOS, QUE A CRIANÇA NEGRA PASSA A SER PERCEBIDA, NO AMBIENTE ESCOLAR, ANTES COMO SUJEITO RACIALIZADO DO QUE COMO SUJEITO EM SI. A ESCOLA TEM PAPEL PRIMORDIAL NA FORMAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE. EM MUITOS CASOS, É O PRIMEIRO ESPAÇO SOCIAL EM QUE A CRIANÇA SE VÊ EXPOSTA SEM A PRESENÇA E OS CUIDADOS DOS RESPONSÁVEIS E DE SUAS PRIMEIRAS FIGURAS DE AFETO. POR ISSO, PRECISA SE COMPROMETER COM UM CURRÍCULO MULTICULTURAL E ANTIRRACISTA, CAPAZ DE ROMPER COM ANOS DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E VALORIZAR AS IDENTIDADES DAS CRIANÇAS.

LEMBRO-ME PERFEITAMENTE DA PRIMEIRA VEZ EM QUE ME VI PRETA. NA OCASIÃO, ENTÃO COM TRÊS ANOS, FUI PARA O CASTIGO JUNTAMENTE DE UMA PRIMA DE PELE CLARA E UMA COLEGA DE SALA BRANCA E COM CABELOS CLAROS. NAQUELA ALTURA, ESTAMOS FALANDO DOS ANOS 80, O LOCAL DE SANÇÃO ERA O RESERVADO, ONDE CADA CRIANÇA FICAVA TRANCADA EM UMA CABINE AGUARDANDO, ANSIOSA O RETORNO DA PROFESSORA. EU NÃO HAVIA CAUSADO TUMULTO, APENAS TENTEI LIVRAR MINHA PRIMA DE UMA MORDIDA QUE A FAZIA CHORAR E GRITAR. NA ALTURA DOS MEUS TRÊS ANOS DE IDADE TENTEI EXPLICAR SEM ÊXITO QUE APENAS TENTAVA PROTEGER MINHA PRIMA. FUI CASTIGADA. O TEMPO, QUE NA MINHA MEMÓRIA INFANTIL PARECEU UMA ETERNIDADE, PASSOU. E EU QUE APENAS TENTAVA APARTAR UMA BRIGA FUI A ÚLTIMA A SER LIBERTA DO MARTÍRIO, SENDO A AUTORA DA FATÍDICA MORDIDA A PRIMEIRA A SER LIBERADA. NAQUELE MOMENTO ENTENDI QUE NÃO DEPENDIA DA MINHA CONDUTA SER LIBERADA DO CASTIGO, MAS DO TOM DA PELE.

DAQUELA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA, DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO MÉDIO, VIVENCIEI E/OU PRESENCIEI INCONTÁVEIS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA RACIAL, VELADAS OU EXPLÍCITAS, POR PARTE DE PROFESSORAS/ES E/OU DE ALUNAS/OS. O EPISÓDIO DO CASTIGO NÃO FICOU RESTRITO ÀQUELE DIA: TORNOU-SE UMA DAS MEMÓRIAS PELAS QUAIS COMPREENDI O MODO COMO O RACISMO ATRAVESSA O AFETO E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO.

A PARTIR DAS RELAÇÕES EXTERNAS CONSTRÓI-SE O ENTENDIMENTO DE PERTENCIMENTO (OU NÃO) NO MUNDO. NA PRIMEIRA INFÂNCIA, O MODO COMO A CRIANÇA É ACOLHIDA, OU PUNIDA, PARTICIPA DESSA CONSTRUÇÃO. QUANDO A ESCOLA REPRODUZ O RACISMO, A VIOLÊNCIA NÃO SE ENCERRA NO ATO: ALCANÇA A FORMA COMO A CRIANÇA APRENDE A OLHAR PARA SI.
SE A ESCOLA ME NEGOU A AFETIVIDADE E PROVOCOU O SENSO DE NÃO PERTENCIMENTO DESDE MEUS TRÊS ANOS DE IDADE, FOI NO TERREIRO DE UMBANDA TRAÇADA DA MÃE DE SANTO MARIA TEREZA, MINHA TIA, QUE COMECEI A COMPREENDER QUESTÕES RACIAIS E A ME SENTIR ABRAÇADA. NÃO APENAS POR SER UM TERREIRO DE HERANÇA FAMILIAR, MAS POR SER UM ESPAÇO ONDE DE FATO TODOS ERAM PARTE DA MINHA FAMÍLIA. A CADA NOVA/O FILHA/O DE SANTO EU GANHAVA UMA/UM NOVA/O TIA/O, A MINHA FAMÍLIA DE SANTO.

NAQUELE ESPAÇO APRENDI QUE DO CONTINENTE AFRICANO VEIO UM POVO QUE POSSUÍA SUA PRÓPRIA LÍNGUA, SUA PRÓPRIA COMIDA, SEUS PRÓPRIOS DEUSES, INSTRUMENTOS PRÓPRIOS, CANTOS E DANÇAS. E EU DESCENDIA DESSE POVO! ESSE RECONHECIMENTO FEZ PARTE DA CONSTRUÇÃO DA MINHA SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE. A EXPERIÊNCIA COLETIVA E O AFETO, PORTANTO, TAMBÉM OFERECEM CAMINHOS PARA ENFRENTAR O QUE O RACISMO TENTA DESTRUIR.

É NESTA PERSPECTIVA QUE SE FAZ PRIMORDIAL A RELAÇÃO DE AFETO ATRAVÉS DO CURRÍCULO DECOLONIAL E DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. O QUE VIVI NO TERREIRO EVIDENCIA A IMPORTÂNCIA DE A ESCOLA RECONHECER AS HISTÓRIAS, OS SABERES E OS ESPAÇOS DE PERTENCIMENTO QUE AS CRIANÇAS JÁ TRAZEM CONSIGO.

TODA/O PROFESSORA/O FOI ALUNA/O. DE IGUAL FORMA, TANTO A/O RACIALIZADA/O PRETA/O QUANTO A/O BRANCA/O TEVE SUA SUBJETIVIDADE ATRAVESSADA PELA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA QUE A AUSÊNCIA DE EPISTEMOLOGIAS PRETAS, DE UM CURRÍCULO DECOLONIAL E DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA PROPICIOU AO LONGO DOS ANOS NA EDUCAÇÃO. CABE À FORMAÇÃO DOCENTE RECONHECER ESSA HISTÓRIA PARA QUE A ESCOLA DEIXE DE REPETIR, NAS RELAÇÕES COTIDIANAS, A VIOLÊNCIA QUE AFIRMA COMBATER.

NÃO HÁ LUTA SEM CONHECIMENTO DE SUA PRÓPRIA IDENTIDADE. E NÃO HÁ CUIDADO COM A INFÂNCIA SEM ESCUTAR AS CRIANÇAS E ENFRENTAR O RACISMO NAS FORMAS, POR VEZES DISCRETAS, COM QUE ELE ORGANIZA O AFETO, O RECONHECIMENTO E A CONVIVÊNCIA ESCOLAR.

TEXTO ADAPTADO DE: BARRETO, LUANNA MENDES. COSMOPERCEPÇÕES, MEMÓRIA AFETIVA E CONTRA NARRATIVAS EDUCACIONAIS: RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA FORMAÇÃO DOCENTE. MONOGRAFIA APRESENTADA À UNIRIO, JUNHO DE 2021.

A DISCUSSÃO DESSE TEXTO FOI APRESENTADA NA AULA SOBRE RACISMO AMBIENTAL MINISTRADA PARA OS JOVENS COMUNICADORES.

PORQUE INFORMAÇÃO É UM DIREITO QUE GARANTE OUTROS DIREITOS.

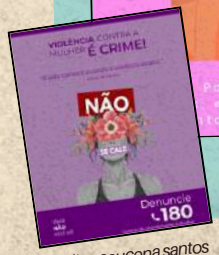
# ouvindo

AS LISTAS DE TRANSMISSÃO SÃO O PRINCIPAL CANAL DE COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO DOS JOVENS COMUNICADORES COM SUAS COMUNIDADES. AQUI VOCÊ VÊ UM POUCO DO QUE ELES ESTÃO FALANDO POR LÁ

**62% DAS JOVENS DA FORMAÇÃO DIZEM SENTIR MEDO POR SEREM MULHERES.**




Esse dado ajuda a dimensionar uma realidade que atravessa o cotidiano das participantes e também aparece em suas produções.



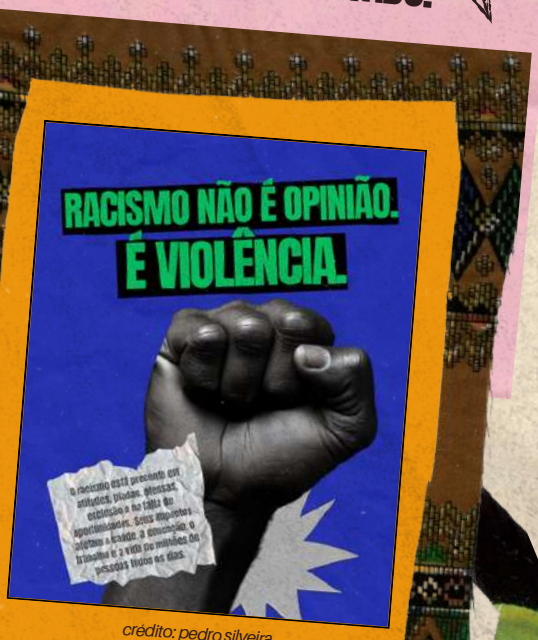

credito: açucena santos

credito: açucena santos

**PARA 89% DOS JOVENS DA FORMAÇÃO, O RACISMO PRECISA SER ENFRENTADO COM POLÍTICAS PÚBLICAS. O DADO REVELA UMA COMPREENSÃO DE QUE O ENFRENTAMENTO AO RACISMO NÃO DEPENDE APENAS DE ATITUDES INDIVIDUAIS, MAS TAMBÉM DE AÇÕES DO ESTADO.**




credito: rayane vieira




crédito: pedro silveira

podcast

As respostas dos jovens revelam experiências de discriminação e intolerância vividas por parte do grupo: entre as respostas, 30,6% afirmaram já ter sofrido racismo, 13,9% homofobia e 8,3% intolerância religiosa. A partir dessas questões, os exercícios de podcast transformaram os temas em pautas e produções dos próprios jovens, criando espaço para discutir como essas violências aparecem em suas experiências e territórios.

podcast JOVENS COMUNICADORES

# FALA, JOVEM COMUNICADOR

## VEM JÚLIA MAIA...



*"Eu cheguei na Bem TV muito nova. Meu primeiro contato foi com o projeto de desenvolvimento de aplicativo, mas foi no Olho Vivo Fotografia que eu realmente mergulhei na formação. Eu tinha 15 anos e estudava em uma escola que oferecia muitas atividades complementares. A gente podia experimentar diferentes áreas e pensar no que gostaria de fazer da vida.*

*Quando encontrei o Olho Vivo, foi quase um amor à primeira vista. Eu pensei: "Meu Deus, é isso que eu quero". E fui me enfiando naquilo.*

*Durante o projeto, fui me descobrindo. Comecei a perceber que fotografia não era só tirar foto. Era conseguir me expressar, mostrar o meu olhar. Eu nem tinha equipamento próprio. Fotografava com o celular e comecei a explorar o modo manual, tentando descobrir o que eu conseguia fazer com aquilo que tinha.*

*Foi uma época de muita descoberta. Eu sentia como se tivesse aberto um livro e as páginas fossem se soltando. Cada experiência revelava uma coisa nova sobre mim. No final do curso, quando vi uma fotografia minha exposta em uma parede, dentro de uma exposição, alguma coisa mudou. Até então, eu queria fotografar para me expressar, para colocar para fora aquilo que estava dentro de mim. Mas, quando vi minha foto ali, percebi que queria que outras pessoas também vissem aquilo que eu estava tentando transmitir. Foi quando pensei: "Eu quero trabalhar com isso".*

*Até então, a fotografia era uma forma de expressão. Na exposição, comecei a perceber que aquilo também poderia ser uma profissão. Como assim eu posso me expressar e ainda ganhar dinheiro com isso? Naquela época, essa possibilidade parecia muito grande para mim.*

*Outra coisa que me marcou muito no Olho Vivo foi conhecer Niterói de um jeito diferente. A gente fez vários passeios para fotografar a cidade. Fui a lugares que nunca tinha visitado, conheci histórias e espaços que não conhecia. Mas também voltei para lugares onde já tinha estado e passei a enxergá-los de outra maneira. Porque quando você vai para um lugar com uma intenção diferente, ele muda completamente. Você começa a reparar em coisas que antes não via. Acho que foi aí que comecei a entender a força do olhar.*

*A comunicação entrou na minha vida junto com a fotografia. A partir do momento em que você pega uma câmera, já está comunicando alguma coisa. Mas a decisão de fazer da comunicação uma profissão veio depois do curso. Comecei a trabalhar primeiro sem cobrar e, aos poucos, fui conseguindo transformar aquilo em trabalho. Fiz fotografia para uma marca de sapatos e precisei aprender a comunicar de outras formas. Foi quando comecei a perceber que a comunicação estava cada vez mais presente na minha vida.*

*Depois vieram os Jovens Comunicadores, durante a pandemia. A gente estava todo mundo dentro de casa e precisava encontrar maneiras de continuar se comunicando. Gravávamos vídeos, fazíamos roteiros, listas de transmissão. Era uma experiência muito diferente porque, ao mesmo tempo em que eu estava aprendendo a comunicar, também precisava descobrir como manter minhas relações vivas à distância."*

# “Quando penso no **futuro**, o que eu quero é **continuar comunicando**.”



ed 2

*“A gente não estava mais encontrando as pessoas com quem convivia e com quem gostava. Então precisava reinventar a forma de estar perto. Acho que os Jovens Comunicadores me ajudaram muito nesse período.*

*Também teve um momento que me mostrou que a comunicação podia produzir mudanças concretas. Antes do Olho Vivo, o projeto de desenvolvimento de aplicativo recebeu um prêmio. E, a partir disso, o curso de fotografia foi levado para dentro da escola.*
*Ver o Olho Vivo chegando na escola, ver nossas fotos no jornal, perceber que uma experiência que a gente tinha vivido tinha gerado alguma coisa para outras pessoas, foi muito forte. Eu pensei: “Caraca, a comunicação pode mudar a minha vida”. Se ela conseguiu transformar alguma coisa na minha escola, também poderia transformar outros espaços.*

*Foi por causa de tudo isso que escolhi fazer faculdade de Publicidade. Se eu não tivesse passado pelos projetos da Bem TV, provavelmente não teria tido esse contato tão próximo com a comunicação. Foi a partir dessas experiências que comecei a enxergar a área como uma possibilidade profissional.*
*Depois que me formei no Olho Vivo, continuei estudando fotografia. Porque você precisa estudar o tempo inteiro. Os equipamentos mudam, as técnicas mudam e o seu próprio olhar vai mudando também. Nesse processo, comecei a trabalhar com vídeo.*
*Foi também nessa época que comecei a trabalhar com a Bem TV Produções. Eu fazia coberturas para diferentes clientes e, em um desses trabalhos, fui convidada para voltar ao Olho Vivo, dessa vez como instrutora.*

*No começo, pensei: “Como eu vou dar conta de uma turma de 25 alunos?”. Eu já tinha dado aula particular para uma menina, mas era muito diferente estar diante de uma turma inteira.*
*Só que foi outra descoberta. Eu estava ali não apenas como alguém que sabia fotografia, mas como alguém que tinha vivido aquela formação. Eu sabia o que era estar no lugar daqueles jovens, começando a descobrir a fotografia e, principalmente, o próprio olhar.*
*Foi quando entendi que ensinar fotografia não era só ensinar a configurar uma câmera. A técnica é importante, mas o olhar também é. É ele que faz você mostrar a sua visão de mundo.*

*E acho que essa é uma das coisas que diferenciam o Olho Vivo de um curso de fotografia comum. A gente não ensina apenas a fotografar. A gente ensina a olhar para o território.*
*Não é só fotografar os lugares da cidade que todo mundo já conhece e acha bonitos. É olhar para dentro da própria comunidade e perceber a beleza que existe ali. É contar a história daquele lugar e mostrar também a sua própria história, porque você faz parte daquele território. Quando virei instrutora, eu tinha uma preocupação muito grande: será que vou conseguir passar isso para os alunos? No começo, alguns jovens não entendiam por que deveriam fotografar a própria comunidade. Falavam: “Eu já estou acostumado a ver isso todo dia”. Mas a proposta era justamente mudar esse olhar.*

*Ao longo dos três anos em que trabalhei com as turmas, fui vendo isso acontecer. Cada turma tinha suas particularidades. Algumas aceitaram a proposta logo de cara. Outras demoraram mais. Mas, no final, todas estavam empolgadas para fotografar o cotidiano.*
*E era muito bonito porque eles já conheciam as pessoas que fotografavam. Conheciam a pessoa da vendinha, do barbeiro, quem consertava bicicleta. Existia uma intimidade com aquele território que uma pessoa de fora não teria.”*

*"E era muito bonito porque eles já conheciam as pessoas que fotografavam. Conheciam a pessoa da vendinha, do barbeiro, quem consertava bicicleta. Existia uma intimidade com aquele território que uma pessoa de fora não teria.*

*Se alguém chegasse de fora para fotografar, provavelmente não faria as mesmas imagens. Porque eles vivem aquilo. Conhecem aquelas pessoas. Estão dentro daquele cotidiano. A missão era mostrar uma beleza que já estava ali, mas que muitas vezes não era percebida.*
*Depois de tudo isso, eu voltei para a Bem TV de uma outra forma. Já tinha feito a faculdade de Publicidade e podia contribuir também a partir dessa formação.*

*Foi assim que cheguei ao Entre Redes. A proposta de trabalhar incidência política e ajudar os jovens a entender os espaços em que estão inseridos me interessou muito. Principalmente porque a gente precisava traduzir esses debates para as redes sociais, numa linguagem de jovem para jovem. Era falar sobre os termos, sobre o que acontece nesses espaços, por que os jovens estão ali e por que deveriam ocupar esses lugares. Foi um espaço em que consegui mostrar essa Júlia que tinha sido construída por todas aquelas experiências.*

*Quando olho para a minha trajetória, vejo que muita coisa começou na Bem TV.*



**Eu entrei com 15 anos**, descobri a fotografia, comecei a trabalhar com comunicação, fiz faculdade de Publicidade, **voltei como instrutora e passei a formar outros jovens.**

*E hoje tenho a minha própria empresa, a Myafocus. Já trabalhei de outras formas, em empregos mais formais, mas hoje me vejo muito nesse lugar de ser dona do meu trabalho e fazer aquilo que gosto.*

*Se não fossem as formações da Bem TV, eu provavelmente não estaria aqui. Não teria conhecido a comunicação dessa maneira, não teria escolhido Publicidade e talvez não tivesse construído esse caminho profissional. Hoje posso mostrar meu trabalho para marcas e clientes e dizer que tenho alguma coisa para oferecer. E isso, para mim, é muito importante: conseguir trabalhar com aquilo que eu amo.*

*Quando penso no futuro, o que eu quero é continuar comunicando. Quero estar em lugares onde nunca estive, conhecer pessoas novas e mostrar a minha forma de comunicar. Porque acho que cada pessoa tem um jeito único de se expressar. E, para os jovens que estão começando, eu diria para estarem presentes. De corpo e alma. Não pensem que vocês estão indo para uma formação só para cumprir mais uma atividade. Estejam ali de verdade.*

*Eu sempre penso que cada trabalho precisa ser melhor que o anterior. Você faz, aprende, cresce e tenta fazer melhor no próximo. É assim que você vai evoluindo e mostrando seu trabalho para as pessoas. Acho que minha trajetória foi muito isso: estar presente, experimentar e me descobrir. Comecei como uma menina de 15 anos fotografando com o celular. Hoje trabalho com fotografia, vídeo e comunicação, tenho minha própria empresa e também formo outros jovens. E ainda continuo me descobrindo."*



**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO:** VERONICA SILVA
**EDIÇÃO E REVISÃO:** VERONICA SILVA
**IDENTIDADE VISUAL E DIAGRAMAÇÃO:** YSIS POLICARPO
**COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO:** VERONICA SILVA
**FOTOGRAFIA:** ALEX MARTINS E YGOR SANTOS

**EQUIPE JOVENS COMUNICADORES**

ANA LUCIA NUNES **ASSESSORA ADMINISTRATIVA**
CAROLINA RODRIGUEZ **COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO**
DANIELA ARAUJO **COORDENADORA EXECUTIVA**
DOUGLAS CAMPOS **ASSISTENTE SOCIAL**
AMANDA CASTELLAIN **PSICÓLOGA**
MATHEUS MAGALHÃES **GESTOR DE PROJETO**
THAÍS AMARAL **PRODUTORA**
VERONICA SILVA **GESTORA DE REDES**
YGOR DOS SANTOS **PRODUTOR DE CONTEÚDO**
YSIS POLICARPO **DESIGNER**
BÁRBARA ROCHA, DANIEL CHAGAS, JEFTERDEIVISSON ALMEIDA,
WESLEY NASCIMENTO **MONITORES**

ed 2

**BEM TV**
**E-MAIL BEMTV@BEMTV.ORG.BR**
**INSTAGRAM: @BEM.TV**
**YOUTUBE: @CANALBEMTV**
**FACEBOOK: FB.COM/BEMTV.OFICIAL**
**LINKEDIN: BEMTV-EDUCACAO-E-COMUNICACAO**





realização: BemTV
parceria: CAAMDS, PLURIVERSO
patrocínio: Secretaria de Cultura e Economia Criativa, GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO, BR PETROBRAS, GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO